

“Máfia” executa suspeitos de chacina que choca o país

BARBÁRIE

O Estado dominado por “verdadeira máfia”

Facção ignora poder público, “julga” e executa comparsas como castigo por supostamente terem se enganado e matado médicos no Rio

• HENRIQUE LESSA
• ALINE BRITO

Com um espetáculo de horror, o crime organizado mostrou que, longe de ser um poder paralelo, é a força implacável no Rio de Janeiro — com tentáculos espalhados pelo país —, ante uma segurança pública imperante, que acumula sucessivos fracassos no combate às facções. Dezoito horas depois da chacina de três médicos na Barra da Tijuca, Zona Oeste da capital fluminense, o chamado “tribunal do crime” executou os quatro supostos assassinos dos ortopedistas.

A versão da Polícia Civil é de que os médicos Perseu Ribeiro de Almeida, Marcos de Andrade Corsato e Diego Ralf Bonfim foram mortos por engano. Perseu teria sido confundido com um miliciano. Por causa do suposto erro e da repressão da chacina, líderes do Comando Vermelho que estão presos no complexo penitenciário de Gerencio, em Bangu, teriam feito uma videoconferência, “julgado” os quatro subordinados e os condenado à morte — ontem de manhã, 22 celulares foram apreendidos dentro da penitenciária.

“É um problema do Brasil, e temos que parar de achar que é pontual. Se conseguirmos ter sucesso no combate à criminalidade se for um combate de todos: estados, governo federal e prefeituras. Não é uma briga de traficantes e milicianos”, discursou o governador do Rio, Cláudio Castro (PL). “É uma verdadeira máfia, que tem entrado nas instituições, nos poderes, no comércio, nos serviços, inclusive no sistema financeiro nacional.”

Castro prometeu que as investigações seguirão para a identificação de todos os envolvidos. “Temos até o fim para combater essas organizações criminosas, essas máfias. Aqui no estado, cumprimos com a nossa responsabilidade e enfrentaremos de forma implacável essas organizações criminosas”, enfatizou. “Não retrocederemos um milímetro sequer para essas máfias. Não existe crime por engano, e o estado não vai recuar.”

O secretário-executivo do Ministério da Justiça, Ricardo Cappelli, que estava na coletiva, ressaltou que o governo federal vai ampliar a parceria entre o Executivo fluminense e a Polícia Federal. “O ministro Flávio Dino determinou, e nós vamos ampliar as ações de inteligência aqui no estado do Rio de Janeiro”, prometeu. Ele fez questão de ressaltar a necessidade de união das esferas governamentais, independentemente de ideologias.

O governador reforçou a declaração de Cappelli. “É importante deixar claro eu não apoiarei o presidente Lula, ele não me apoiou. Isso não é uma questão política, isso é uma questão de segurança pública.”

Castro disse que a investigação da Polícia Civil citou, em menos de 12 horas, a confirmação dos autores do crime brutal contra os médicos, mas que as forças do estado foram surpreendidas pela ação das “máfias” com seu “pseudotribunal do crime”, que eliminou os executores.

“O que nos parece é que até eles se indignaram com a ação dos seus próprios e fizeram essa punição interna. Temos de achar,



Cláudio Castro (D), com Cappelli: “Tem que ver se foram todos, se tinha mais gente envolvida, a investigação não muda em nada”

Vingança por comparsa

A Polícia Civil do Rio de Janeiro concluiu que os três médicos foram mortos por engano porque um deles — Perseu Ribeiro de Almeida — foi confundido com o alvo dos criminosos. Segundo a investigação, em 16 de setembro, uma milícia que atua na Zona Oeste do Rio matou o traficante Paulo Araújo Furtado, conhecido como Vin Diesel. Esse assassinato, no bairro Gardênia Azul, na Zona Oeste, teria sido cometido sob os ordens de Tallon de Alcântara Pereira Barbosa, filho de Dalmir Pereira Barbosa, o líder dessa milícia.

Furtado era aliado de Philip Motta Pereira, o Lesk, que era miliciano e aderiu à facção criminosa Comando Vermelho. Lesk passou a planejar a morte de Tallon, como vingança. Esse alvo havia sido preso em dezembro de 2020, e de março a setembro deste ano cumpriu prisão domiciliar em sua casa, na Avenida Lucio Costa, na Barra da Tijuca. Desde 29 de setembro, quando ganhou liberdade condicional, passou a ser procurado pelo grupo adversário, de acordo com suspeitas da polícia.

Na noite de quinta-feira, um criminoso viu o médico Perseu de Almeida com três amigos em um quiosque na Avenida Lucio Costa e o confundiu com Tallon — eles são parecidos fisicamente, e o médico estava muito próximo da casa de Tallon. Lesk, então, **retornaram os corpos** e quatro homens foram até o quiosque, onde executaram Perseu e dois de seus colegas — o quarto médico sobreviveu (leia reportagem na página 4).

Diante do engano, líderes do Comando Vermelho, a quem Lesk era subordinado, teriam feito um reunião horas depois da chacina para “julgar” Lesk e os demais criminosos que mataram os médicos. A videoconferência contou com a participação de líderes que estão presos na penitenciária Gabriel Ferreira Castilho, conhecida como Bangu 3. O veredicto foi morte.

Até a tarde de ontem, a polícia havia divulgado o nome de dois dos quatro mortos: Lesk, que estava no porta-malas de um Toyota Yaris abandonado na Gardênia Azul, e Ryan Soares de Almeida, que estava com outros dois corpos em um Honda HR-V abandonado no bairro Camorim.

Ligação telefônica

Momentos antes do assassinato dos médicos, a Polícia Civil interceptou conversa telefônica — durante investigação que já estava em andamento sobre milicianos atuantes na Zona Oeste do Rio —, na qual um homem dá a outro que “acho que é Posto 27” e recebe uma resposta que é inaudível. A voz seria de Juan Breno Malta, o BMW, principal auxiliar do Philip Motta, o Lesk, ambos, segundo a polícia, ligados à milícia e ao tráfico. Lesk teria rompido com milicianos para aderir ao Comando Vermelho.



É um problema do Brasil, e temos que parar de achar que é pontual. Se conseguirmos ter sucesso no combate à criminalidade se for um combate de todos: estados, governo federal e prefeituras. Não é uma briga de traficantes e milicianos”

Cláudio Castro (PL), governador do Rio de Janeiro

inclusive, quem cometeu esse segundo assassinato. O estado não se abala. É óbvio que eles já sabiam quem tinha sido, foram à frente e puniram”, destacou. “Tem que ver se foram todos, se tinha mais gente envolvida, a investigação não muda em nada”, garantiu.

O chefe do Executivo fluminense descartou qualquer investigação política envolvendo o fuzilamento dos ortopedistas. Inicialmente, havia a suspeita de que os mortos poderiam ser um “recado” por causa da atuação política da deputada Símia Bonfim (PsoL-SP), irmã de uma das vítimas, Diego Ralf Bonfim, ou do deputado Glauber Braga (PsoL-RI), marido da parlamentar.

A hipótese, no entanto, foi descartada horas depois da chacina, quando a polícia constatou que Perseu de Almeida foi confundido com Tallon de Alcântara Pereira Barbosa, filho do miliciano Dalmir Pereira Barbosa. (Colaboração Henrique Fregoso)

Trajeto dos assassinos após o crime

Após a execução dos médicos, na Barra da Tijuca (Zona Oeste), os criminosos percorreram cerca de 30km até o Complexo da Penha (Zona Norte). A Polícia rastreou câmeras de segurança para reconstruir o trajeto.



Valdo Virgo/CP/DA Press

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2